

## A LITERATURA DE AVENTURAS E A EXPANSÃO DO OCIDENTE (AS VIAGENS EXTRAORDINÁRIAS, DE JÚLIO VERNE)

Viagens e aventuras por terras distantes são elementos característicos da literatura ocidental. Podemos recuar, sem sobressalto, até Homero: que é a *Odisséia* senão uma longa viagem de retorno ao lar, carregada de peripécias e eventos extraordinários em paisagens longínquas? Durante séculos o real e o maravilhoso irão conviver fundindo a crônica de viajantes, comerciantes e guerreiros sobre países remotos com o quinhão de mitos e fábulas próprios da imaginação humana.

A crescente expansão do Ocidente após a Idade Média despertou ainda mais a demanda por este tipo de narrativa, ampliando ao mesmo tempo o repertório temático do qual ela se alimenta. Interesses de ordem econômica, gerados pelos processos de implementação do capitalismo, configuraram um atrativo suplementar: "O ciclo das grandes descobertas, a que se seguiria o estabelecimento de colônias nas Américas, na Oceania, na África e na Ásia, iria sobrepor um assoberbante interesse econômico à curiosidade pelo exótico. E o romance de aventuras, em sua época áurea, vale dizer o século XIX, refletiu o apogeu do colonialismo, sobretudo inglês e francês." (Paes, 1987:67).

O século XIX marcou o coroamento do colonialismo europeu e o ápice do romance

MARCO ANTÔNIO DE ALMEIDA

### RESUMO

O texto analisa o romance de aventuras, verificando de que modo essa forma de produção literária estabelece um diálogo com seu tempo. O momento de desenvolvimento da ciência e da técnica, ao lado do processo de expansão ocidental, influenciaram um tipo de literatura que tem nas obras de Júlio Verne uma referência significativa. Trata-se de uma obra que reflete as mudanças de tempo e espaço, ocasionadas pelas invenções e descobertas. A exploração de lugares desconhecidos em busca de novas riquezas inclui-se nesse padrão literário marcado por uma dupla característica: de um lado, a crença positiva na ciência; de outro, as contradições provocadas pela mecanização do homem.

\* Doutorando em Ciências Sociais do IFCH/UNICAMP

de aventuras. A epopéia expansionista do capital é o pano de fundo nem sempre explicitado das peripécias dos heróis-marineiros, exploradores, missionários, colonos — em paisagens distantes habitadas por povos e animais estranhos e muitas vezes perigosos. Entretanto, é incorrer num sério reducionismo ver no romance de aventuras um mero reflexo ideológico do colonialismo.

Como os demais gêneros literários, o romance de aventuras possui uma história, estando ligado à sensibilidade de uma determinada época e público, sensibilidade esta que, dialética e dialogicamente, ajudou a formar. É, pois, um fenômeno complexo e por vezes contraditório.

Não procuraremos, neste breve texto, "explicar" o fenômeno, e sim buscar reconstituir certos aspectos do diálogo que ele estabelece com seu tempo e lugar. Reduziremos nosso foco a um autor, Júlio Verne, e à série de obras coligidas sobre o título de *Viagens Extraordinárias*, com ênfase especial sobre *A volta ao mundo em oitenta dias* (1872). A opção por Verne justifica-se não só pelo sucesso e representatividade de sua obra como também pelas contradições nela presentes e que encenam alguns dos dilemas e embates significativos da época. Dois temas, ligados entre si, merecerão nossa particular

atenção: 1) o papel central desempenhado pela Ciência e pela Técnica; 2) o processo de expansão ocidental e suas conseqüências.

## I

A segunda metade do século XIX foi um período particularmente impactante para a Ciência, marcando definitivamente sua imagem perante o público. As ciências físicas e biológicas conquistaram notáveis desenvolvimentos e uma ampla divulgação, criando com isso uma impressionante aura de confiança no conhecimento científico. Ocupou assim um lugar central no imaginário que emergiu deste período: uma "Ciência 'positiva', operando com fatos objetivos e precisos ligados rigidamente por causa e efeito, e produzindo "leis" uniformes e invariantes além de qualquer possível modificação, era a chave-mestra do universo, e o século XIX a possuía." (Hobsbawm, 1982: 278)<sup>1</sup>.

As teorias científicas utilizadas por Júlio Verne (1828-1905) em seus "romances da ciência" derivam essencialmente dessa visão positivista. Verne reflete a consciência científica de seu tempo. O grande público, embora fascinado pelos modernos desenvolvimentos das técnicas, estava de fato mais próximo das grandes explicações do século XVIII, permanecendo à margem das misteriosas pesquisas contemporâneas, atraído apenas pela magia de palavras que não compreendia plenamente: "energia", "termodinâmica" ou "cinemática". Estes termos eram assimilados de maneira quase mítica, contribuindo para alimentar um "maravilhoso científico". Verne, sensível às maravilhas, às formas elaboradas pelo imaginário coletivo de seu tempo, lhes dá substância em seus romances.

O "maravilhoso científico" será a característica que dará o tom ao tema geral que é explorado pela obra: "Para Júlio Verne este tema é a transformação interior das socieda-

des por um *processus* que marca toda a História do Universo, mas que tomou na atualidade (donde o tema da modernidade) o caráter de fenômeno dominante: a conquista da Natureza pela indústria.(...) A idéia de indústria toma, nesse caso, um sentido muito geral no qual se reúnem, ao acaso dum mesmo termo, as condições individuais e sociais, do engenho e do trabalho. Esta unidade é visível em objetos privilegiados: as *máquinas*" (Macheray, 1989: 161-162). Originam-se desse tema geral outros que são centrais na obra: 1) a viagem; 2) a invenção científica; 3) a colonização<sup>2</sup>. Estes subtemas articulam-se a partir de um contexto onde está presente a expansão do capitalismo e as conseqüências da Revolução Industrial.

A depressão inglesa de 1846/47 é a primeira crise patente de superacumulação capitalista. Gera também uma crise de representação, provocando um reajuste radical do sentido de tempo e de espaço na vida econômica, política e cultural. A partir deste marco, o fenômeno de "compressão do tempo-espaço" característico do capitalismo tornou-se mais evidente, como observa David Harvey: "Pretendo indicar com essa expressão processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra 'compressão' por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós." (Harvey, 1992: 219) Diversas certezas foram abaladas: natureza do espaço e do dinheiro, sentido de tempo físico e social. As experiências individuais entraram em crise, com conseqüências na produção artística. Estas mudanças ocorrem internacionalmente, como ilustra a convulsão política generaliza-

da na Europa. Esse é o contexto tanto dos poemas de Baudelaire como das proposições universalistas do *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels<sup>3</sup>.

As descobertas de ouro na Califórnia e na Austrália, no final da década de 40, reaqueceram a economia mundial, multiplicando os meios de pagamento disponíveis, gerando ondas migratórias e atijando o imaginário popular<sup>4</sup>. A economia capitalista recebeu no período 1848/1875 um número variado de estímulos poderosos, o que resultou na sua grande expansão. Tomando como medida a força a vapor, temos uma elevação estimada de 4 milhões de HP em 1850 para cerca de 18,5 milhões de HP em 1870. As vantagens do livre comércio beneficiavam a todos, embora a Inglaterra abocanhasse um pedaço maior do bolo; além disso, as fontes e o *know-how* britânicos eram vistos como vantagens por outros países para suas economias, facilitando a industrialização das mesmas. O que a soma dessas circunstâncias apontava era o início do processo de globalização do capitalismo: “Estes números brutais indicam um pouco mais além de que a industrialização estava em processo. O fato significativo era que o progresso estava agora geograficamente muito mais espalhado, apesar de muito desigual. A presença de estradas de ferro e, numa escala menor, máquinas a vapor, introduzia então o poder mecânico em todos os continentes e em países não-industrializados. A chegada da estrada de ferro era em si mesma um símbolo revolucionário, já que a construção do planeta como uma economia única era, de várias formas, o aspecto mais espetacular e de maior alcance da industrialização.” (Hobsbawm, 1982:59).

Os homens do século XIX, ao contrário de seus antecessores, possuíam uma consciência clara da finitude do globo e de seus limites, além de uma grande autoconfiança em seus próprios recursos. Sabiam que era uma questão de tempo e interesse explorar e

desvelar aquilo que ainda não era conhecido. Tempo e interesse – dois termos reveladores do contexto sociocultural da época. *Tempo*: de um lado a aceleração cada vez maior do ritmo da vida social, da velocidade dos meios de transporte e comunicação, comprimindo o espaço e tornando o distante cada vez mais próximo; de outro lado, a crença na ciência e no progresso possibilitando a projeção linear do futuro, através do aprimoramento da tecnologia e das instituições sociais, permitindo uma crescente melhoria das condições de vida do homem. *Interesse*: a exploração, a busca de conhecimento, não é um fim em si, um processo desprendido de pura busca intelectual. As invenções e descobertas podem e devem trazer benefícios para a humanidade, melhorando o padrão de vida de todos. A exploração de lugares desconhecidos em busca de novas riquezas inclui-se nesse padrão.

O revolucionário da nova indústria pesada não era propriamente a tecnologia e sim a escala: as invenções técnicas dessa primeira fase industrial não exigiam conhecimento científico muito avançado, ao contrário do que ocorreria na fase posterior. Os romances de Verne ilustram a importância do papel do cientista, do professor, como figura industrial importante. No que concerne aos meios de transporte e de comunicação, o desenvolvimento foi notável. É nesse quadro que devemos entender o desafio proposto por Phileas Fogg: completar a volta ao mundo em oitenta dias. A duração prevista para a viagem, em 1848, seria de 11 meses; por volta de 1872, os meios de transporte e comunicação haviam alcançado um patamar que tornava factível a viagem dentro do tempo proposto por Phileas Fogg, evitando inclusive os inúmeros contratemplos que a perturbaram.

É aqui que Hobsbawm aponta uma primeira contradição: “Esta aceleração extraordinária na velocidade das comunicações teve um resultado paradoxal. Aumentando o abismo entre os lugares acessíveis à nova

tecnologia e o resto, intensificou o atraso relativo daquelas partes do mundo onde o cavalo, o boi, a mula, o homem, ou o barco ainda determinavam a velocidade do transporte.” Esta convivência entre o arcaico e o moderno “explicava a extraordinária paixão do público pelo explorador e o homem que passou a ser chamado de ‘viajante’ *tout court* – isto é, a pessoa que viajava até ou além das fronteiras da tecnologia, fora da área onde a cabine de comando do vapor, o compartimento dormitório do *wagon-lit* (ambas invenções do nosso período), o hotel e a *pension* cuidavam do turista. Phileas Fogg viajou nesta fronteira. O interesse de seu empreendimento residia simultaneamente na demonstração de que, por um lado, os trilhos, o vapor e o telégrafo praticamente enlaçavam o globo e, por outro lado, que ainda havia uma margem de incerteza, assim como algumas lacunas remanescentes, que evitavam que viagens através do mundo se tornassem uma rotina.” (Hobsbawm, 1982:79). A observação sinaliza duas portas de entrada para a análise das *Viagens Extraordinárias*: os meios que as possibilitaram e a descrição dos lugares percorridos pelas personagens.

## II

A invenção do relógio mecânico no Ocidente pelos religiosos, e a posterior passagem da regulação da vida monástica à regulação da vida profana foi a etapa inicial de um processo de mudanças na percepção social do tempo e do espaço. O homem do campo regulava os ciclos de sua vida de acordo com um calendário “natural” fornecido pelas estações. O homem da cidade, por sua vez, necessitava do relógio para cadenciar a regularidade de seus movimentos. Entretanto, até o século XIX o mundo ainda não se organizara segundo as premissas desta racionalidade temporal<sup>5</sup>.

A emergência das estradas de ferro e a conseqüente necessidade de coordenação dos deslocamentos foi fundamental para a unificação dos horários, inaugurando a cultura da pontualidade: o relógio, antes um bem de luxo, começa a se difundir entre a população. Surge a necessidade de unificação dos horários num horário nacional, eliminando-se assim o conflito entre a hora “oficial” da capital e as horas regionais: “A modernidade constitui um sistema no qual as partes estão interligadas entre si. Para que o fluxo no seu interior se faça de maneira ordenada, a regência do tempo é essencial. Os movimentos devem ser orquestrados para se evitar situação caótica. Os atrasos, as rupturas, não são portanto simples ressonâncias do passado, mas um obstáculo para o andamento do todo.” (Ortiz, 1991: 242). A unificação de um “espaço mundial” refletido na padronização dos horários internacionais só ocorrerá em 1884, com a escolha do Meridiano de Greenwich como referência para a hora mundial.

O dilema colocado para que Phileas Fogg vencesse a aposta de percorrer o mundo em oitenta dias envolvia um equacionamento entre tempo e espaço, aparentemente impossível para os padrões da época: “Realizar o giro do Mundo, de maneira que não fosse em teoria e no papel, neste mínimo de tempo, com os meios de comunicação de que atualmente se dispõem, não só era impossível – era disparatado! (...) Para o êxito deste projeto, tornava-se necessário admitir uma concordância milagrosa das horas da partida e da chegada, concordância que não existia, que não podia existir.(...) Ora bastava um atraso, um só, para que a cadeia de comunicações fosse irremediavelmente interrompida.” (Verne, s/d: 28/29).

Será a expansão da rede ferroviária, combinada com o transporte marítimo, que permitirão a Fogg realizar em 1872 aquilo que

não era possível em 1848<sup>6</sup>. Além disso, o papel fundamental da Inglaterra nesse processo associou definitivamente a imagem do cavalheiro inglês à pontualidade e ao gosto por viagens de trem e de navio. É dessa forma que Phileas Fogg e seu fiel escudeiro Passepartout podem partir para a cruzada em torno do globo munidos apenas da inabalável confiança na rede de transportes do Império Britânico e em sua moeda: “Mr. Fogg estava pronto. Tinha debaixo do braço o *Guia Geral de Paquetes e Caminhos de Ferro de Bradshaw*, que lhe devia ministrar todas as indicações necessárias para a viagem. Tomou o saco das mãos de Passepartout, abriu-o e deixou cair dentro um formidável maço desses belos bilhetes de banco que têm curso em todo o Mundo.” (Verne, s/d: 25)

As únicas preocupações de Phileas Fogg são com relação ao cumprimento regular do cronograma preestabelecido para a viagem e a busca incessante de parceiros para aquela britânica instituição, o jogo de *whist*. Isento de curiosidade, os lugares por onde passa nem lhe chamam a atenção: “Mandou que lhe servissem de almoçar no seu beliche. Quanto a ver a cidade, nem mesmo pensava nisso, porque era dessa raça de ingleses que fazem visitar pelos criados o país que atravessam.” (Verne, s/d: 39). Papel que seu criado procura cumprir da melhor forma possível: “– Muito curioso, muito curioso! – dizia consigo Passepartout de volta para bordo. – Vou percebendo que não é inútil viajar toda a vez que se queira ver coisas novas.” (Verne, s/d: 48). Nestes comportamentos tão díspares entre si prefiguram-se as imagens daqueles que serão os grandes viajantes do século vindouro: os homens de negócio, que encaram as viagens como meros deslocamentos entre escritórios, empresas ou bancos, e os turistas sedentos por capturar imagens com suas máquinas fotográficas e vídeos.

Embora o ponto de partida da viagem seja uma aposta com base num cálculo aper-

tado que não admite atrasos, a mesma careceria de interesse se fosse realizada conforme o previsto. O romanesco inerente à literatura de aventuras exige peripécias, eventos extraordinários, obstáculos aparentemente impossíveis, deixando o destino dos heróis suspenso num estado de indeterminação que alimenta o *suspense* da narrativa, responsável em grande parte pelo interesse do leitor – mesmo que este saiba que o percurso será rigorosamente percorrido até o final: “O imprevisto, assim, pode ocorrer, porque ele já foi justamente previsto. A lógica dos meridianos é linear e cumulativa, a da história capitalista idem, pelo menos em suas grandes linhas, as que em geral acabam contando.” (Foot Hardman, 1987: 190)\*. Verne parte desse fato para construir o estratagema que garante a vitória de Phileas Fogg: ao deslocar-se em direção ao leste, ao Oriente, ele “acumula” horas, “capitalizando” um dia extra.

Esta inabalável marcha dos heróis, presente em outros romances do autor, ilustra metaforicamente a inexorabilidade de outra marcha, a do Progresso, do crescente domínio do homem sobre a Natureza através da Ciência. Uma perfeita síntese do *desenvolvimento* histórico guiado por leis inexoráveis e exatas, exatamente como a personagem de Verne: Phileas Fogg “não viajava, descrevia um círculo. Era um corpo que perfazia uma órbita em volta do globo terrestre seguindo as leis da mecânica racional. Neste momento tornava ele a fazer o cálculo das horas gastas desde que partira de Londres e teria decerto esfregado as mãos se estivesse na sua índole fazer algum movimento inútil.” (Verne, s/d: 54)

### III

No esboço feito acima surge a figura de um Verne “positivista”, perfeitamente integrado à ideologia de sua época e lugar. Mas será

sua obra tão transparente assim? Não ocorrem, nos diversos romances que compõem as *Viagens Extraordinárias*, ambigüidades e contradições que permitam matizar esta imagem?

Análises sobre o gênero aventura-ficção científica costumam traçar paralelos entre a obra de Verne e a de H. G. Wells, vendo nessa última uma postura mais pessimista e desconfiada diante dos rumos do progresso, soando como contraponto ao otimismo tecnológico de Verne. De fato, Wells, simpaticamente dos ideais socialistas, legou-nos notáveis obras onde enfocava indiretamente diversos temas sociais com uma postura bastante crítica: o acirramento da luta de classes (*A máquina do tempo*, 1895; *Quando desperta o adormecido*, 1899); o bárbaro comportamento dos colonizadores ingleses na África (*A guerra dos mundos*, 1898), os efeitos nefastos da ciência utilizada com critérios anti-éticos (*O homem invisível*, 1897; *A ilha do Dr. Moreau*, 1896). Entretanto, mais que desprezar um viés crítico presente em diversos romances de Verne, essa polarização apressada desdenha a identidade fundamental entre os autores: a crença de ambos na Ciência como garantia de um futuro viável para as sociedades humanas.

Júlio Verne aporta nuances e corretivos a seu próprio otimismo. Apaixonado por novidades científicas, mostra-se ao mesmo tempo de uma ironia ferina em relação às visões de alguns cientistas e engenheiros. Não há, de sua parte, uma confiança absoluta em uma bondade inerente ao conjunto da espécie humana. Essa postura crítica de Verne pode ser vista com relação a certa desumanização do homem provocada pelos novos ritmos da vida moderna, que fica patente na construção de algumas personagens: “Verne recusa que a história e o homem sejam a imagem de um mecanismo. Toda a sua obra narra (como a de Hoffmann) a desumanização sofrida pelos homens que regulam suas vidas pelos relógios:

Phileas Fogg tem horror dos “contatos humanos” que retardam seu curso; Mestre Zaccharius, relojoeiro, torna-se progressivamente um homem-relógio, um demente.” (Coutrix-Gouaux & Souffrin, 1978:14).

Verne marca especialmente bem a diferença entre progresso científico e progresso técnico, e entre progresso moral e progresso político. Acredita profundamente na ciência, em que suas descobertas trarão boas conseqüências para o domínio político e o social, mas, ao mesmo tempo, o fenômeno da aceleração da história não lhe escapa: apesar do rápido progresso dos últimos anos, a despeito das conquistas da educação, ele constata que não ocorrem melhorias análogas no domínio da moral<sup>7</sup>. Dessa forma, estabelece um juízo ético sobre o papel da Ciência: “É uma reflexão sobre o papel da ciência e não sobre o seu conteúdo a que se entrega o escritor através da mitologia que ele criou a partir dela. Este papel não é aquele que o positivismo lhe assinala, nem aquele que o seu inverso, o esoterismo, lhe propõe. Verne dá prova de um profundo não-conformismo em relação aos ideólogos dominantes de seu tempo; mas ele se inscreve dentro da verdadeira tradição renascentista que reivindica de modo explícito: A metamorfose da Terra depende do patamar de consciência que preside à utilização da ciência.” (Coutrix-Gouaux & Souffrin, 1978: 18)

Na obra de Verne, não só a natureza é freqüentemente hostil como a própria ciência assume um ar inquietante, de implicações fáusticas: se não a sabemos utilizar torna-se um fim em si, uma religião com perigosas conseqüências. As catástrofes presentes nos diversos romances que compõem as *Viagens Extraordinárias* não são provenientes jamais do acaso: a energia que as provoca é dotada de um senso moral. Tempestades, erupções, naufrágios, erros das máquinas inventadas pelo homem são respostas à transgressão de bar-

reiras éticas que o conhecimento deve se colocar. Este destino funesto atinge basicamente quatro tipos de vítima: 1) os sábios ou cientistas que colocam sua ciência a serviço da guerra ou da destruição; 2) os homens e as sociedades que utilizam a ciência para fins pessoais de dominação; 3) aqueles que se contentam em explorar as descobertas apenas para se enriquecer; 4) aqueles que, motivados por uma curiosidade egoísta, consomem sua vida numa busca absoluta que resulta ser uma busca de morte, inútil ou perigosa<sup>8</sup>.

Esta visão apocalíptica que se insinua no interior da obra permite um vislumbre das contradições sociais sobre a qual ela repousa: "O cataclismo possui uma função de verdadeiro objeto fóbico. Ele permite localizar, circunscrever, fixar a formidável angústia suscitada, no espírito do público, pela situação traumática da época: choque de imperialismos na África e na Ásia, situação conflituosa em torno da colonização ou dos diversos despotismos, insurreições radicais e atrocidades, repressões brutais. Todas as descrições de sinistros, primeiramente naturais, depois acidentais e por fim criminosos, que encontramos ao longo das *Viagens Extraordinárias*, exorcizam um medo pânico, ligado àquele medo ancestral do fim dos tempos, da morte dos mundos." (Mustière, 1978: 44)

#### IV

A mesma ambigüidade se acha presente quando examinamos a visão que Verne nos oferece do colonialismo e dos povos não-europeus.

Phileas Fogg percorre em sua jornada os caminhos já desbravados por seus compatriotas que asseguraram a hegemonia do Império Britânico na época. Verne não esconde sua admiração por essa façanha verdadeiramente titânica: "Hong-Kong é apenas uma ilha

cujas poses foram asseguradas à Inglaterra pelo Tratado de Nanquim, depois da guerra de 1842. Em poucos anos, o gênio colonizador da Grã-Bretanha fundou ali uma cidade importante e criou um porto, o porto Vitória. Está situada na embocadura do rio Cantão e apenas sessenta milhas a separam da cidade portuguesa de Macau, edificada na outra margem. Docas, hospitais, cais, alfândegas, uma catedral gótica, uma *government-house* (casa do governo), ruas cobertas de macadame, tudo fazia supor que algumas das cidades comerciais do condado de Kent ou de Surrey, atravessando o esferóide terrestre, se haviam transportado para aquele ponto da China, quase nos antípodas.(...) Com pequena diferença, era ainda Bombaim, Calcutá ou Singapura que o digno moço encontrava no seu trajeto. Há assim como que um prolongamento, uma sucessão de cidades inglesas em volta do mundo." (Verne, s/d:106). Simultaneamente, também é capaz de considerar o espanto com que o progresso deveria ser recebido: "Mas com que olhos deviam Brama, Siva e Visnu considerar essa Índia, agora 'britanizada', quando alguns barcos a vapor passavam, silvando e agitando as sagradas águas do Ganges, espantando as gaiivotas que adejavam sobre a sua superfície, as tartarugas que pululavam nas suas margens e os devotos deitados ao longo das suas praias!" (Verne, s/d: 81) Em determinadas passagens das *Viagens Extraordinárias* há uma certa nostalgia romântica de um mundo mais simples, quase paradisíaco, que vai sendo sepultado pelo progresso. Mas estes são momentos de exceção dentro do espírito geral de admiração pela modernidade e suas conquistas.

Na descrição dos povos não-europeus, do "Outro", reaparece o Verne "positivista", evolucionista e etnocentrado. O episódio do resgate da viúva de um sultão que seria queimada viva junto com o corpo do marido é ilustrativo por si do primitivismo das culturas

não-européias. Mas as descrições dos personagens envolvidos, dizem mais. Os devotos de Kali são assim retratados: “Em roda da estátua agitava-se, doidejava, contorcia-se, um grupo de velhos faquires, sarapintados de listas de ocre, cobertos de incisões cruciais vertendo sangue gota a gota, energúmenos estúpidos que, nas grandes cerimônias indianas, se precipitam ainda debaixo das rodas do carro de Jaggernaut.” (Verne, s/d: 66) Já sua vítima é apresentada da seguinte forma: “Era uma indiana de singular beleza, pertencente à raça parse, filha de ricos negociantes de Bombaim. *Recebera nesta cidade uma educação inteiramente inglesa, e pelas maneiras e pela instrução qualquer um a julgaria européia.* Chamava-se Aouda.(...) basta dizer que Mrs. Aouda, a viúva do rajá de Bundelkund, *era uma mulher encantadora na rigorosa acepção européia da palavra.* Falava inglês com extraordinária correção e o guia não exagerara afirmando que *a jovem parse fora transformada pela educação.*” (Verne, s/d: 70-79, grifos nossos).

Sem dúvida, uma descrição etnocentrada, “politicamente incorreta”... hoje. Mas quais seriam os critérios de valor quando Verne escreveu estes trechos? O que se modifica no século XIX é a imagem do “bom selvagem” de Rousseau, que dá lugar a uma multiplicidade de “seres” ocupando posições numa escala evolutiva com fortes conotações de darwinismo social: “O exotismo fora um subproduto da expansão européia desde o século XVI, embora observadores filosóficos da era do Iluminismo tenham, na maioria das vezes, tratado os países estranhos distantes da Europa e do povoamento europeu como uma espécie de barômetro moral da civilização européia.(...) A novidade no século XIX era que os não-europeus e suas sociedades eram crescente e geralmente tratados como inferiores, indesejáveis, fracos e atrasados, ou mesmo infantis. Eles eram objetos perfeitos de conquista, ou ao menos de conversão aos

valores da única *verdadeira* civilização, aquela representada por comerciantes, missionários e grupos de homens equipados com armas de fogo e aguardente.” (Hobsbawm, 1989: 118)

A expansão do capital é simultânea e contraditoriamente a expansão da visão de mundo e do modo de vida ocidentais. Ocorre um processo de modernização do mundo e generalização do pensamento pragmático-tecnocrático – para desgosto da Escola de Frankfurt – numa escala cada vez mais global. Este processo foi iniciado com o colonialismo, apoiando-se numa visão evolucionista da história da humanidade, na qual cabia à porção mais “evoluída” desta a missão civilizatória de trazer as demais partes para o seu patamar, tomado como modelo ideal de sociedade: “Nessa perspectiva, a mundialização seria um desdobramento possível e inevitável do processo de modernização inerente ao capitalismo, entendido como processo civilizatório destinado a realizar uma espécie de coroamento da história da humanidade. Aos poucos, modernizar e evoluir tornam-se reciprocamente referidos, intercambiáveis, correspondentes. (...) Cabe reconhecer, portanto, que a teoria da modernização do mundo, com seus ingredientes evolucionistas, leva consigo a idéia de ocidentalização do mundo. Ao mesmo tempo que implica a generalização do capitalismo, implica a ocidentalização como processo civilizatório.” (Ianni, 1995: 82-85)

Verne reflete, nesse sentido, o senso comum da época, que considerava normal algumas raças, como os aborígenes australianos, por exemplo, acabarem dizimadas ou aniquiladas após o contato com o colonizador branco. Trata-se de um preço a pagar pela inevitável marcha do progresso. Além disso, essas ocorrências demonstram a incompatibilidade de certos povos com os valores da verdadeira civilização.

Durante o episódio do resgate da viúva do rajá, Phileas Fogg interroga um de



seus acompanhantes naquele trecho da viagem, um velho oficial inglês, a respeito do selvagem ritual: “ – Como, replicou Mr. Fogg, sem que na voz revelasse a mais pequena comoção –, esses costumes bárbaros ainda subsistem, os Ingleses não os podem impedir?” “– Na maior parte da Índia esses sacrifícios já não se realizam; porém nós não temos nenhuma influência nestes países selvagens e principalmente no território do Bundelkund. Toda vertente setentrional dos Vindhias é teatro de assassínios e de devastações incessantes.” (Verne, s/d:68)

Entretanto, aqueles que demonstram certas aptidões, interesses, podem vir a ser “convertidos” aos valores da verdadeira civilização: “Assim sendo, o mais poderoso legado cultural do imperialismo foi uma educação em moldes ocidentais para minorias de vários tipos: para os pouco favorecidos que se alfabetizaram, descobrindo portanto, com ou sem a ajuda da conversão cristã, o caminho mais direto para a ambição, que usava o colarinho branco dos clérigos, professores, burocratas ou funcionários de escritório.” (Hobsbawm, 1989:117)

Por outro lado, Verne demonstra simpatia pelos mais fracos e explorados. O resgate de Aouda pode ser lido também nesse sentido: a jovem seria sacrificada contra a sua própria vontade, em função de interesses políticos e econômicos de parentes do rajá morto. Mas é na figura do capitão Nemo, que singra os mares a bordo do submarino *Nautilus* em *As vinte mil léguas submarinas* (1870) que esta simpatia torna-se mais explícita. Homem misterioso, de nacionalidade desconhecida, dotado de amplos recursos materiais e de inteligência superior, Nemo fornece grande parte desta riqueza aos povos oprimidos de diversas nações. Movido por um grande sentimento de injustiça diante dos rumos tomados pelo mundo, refugia-se no mar e o proclama seu domínio. A aversão que dedica

aos governos opressores não conhece limites, e se manifesta quando destrói sem hesitar os navios enviados para capturá-lo. A personagem resultou tão marcante que Verne a trouxe de volta em *A ilha misteriosa* (1874/1875), tomando-a também para modelo do protagonista de um outro romance, *Robur, o conquistador* (1886), no qual o mar é trocado pelo espaço aéreo.

Quem observar quaisquer semelhanças entre Nemo, Robur e os heróis românticos do folhetim não estará enganado. Permanece o estereótipo do “super-homem”, a missão de desfazer injustiças e lutar pelos mais fracos, dentro da “estrutura de consolação” tão bem descrito por Umberto Eco<sup>9</sup>. Há, porém, um dado a mais: estes heróis também são sábios, cientistas, técnicos. Encarnam o poder da Ciência e, simultaneamente, ao colocarem-se à margem da sociedade, o questionam: “Com a expansão da tecnologia no século XIX, o problema do saber se converteu no problema da ciência; com a consolidação do colonialismo, o problema do ‘bom selvagem’ se converteu no problema do marginalizado e do proscrito. Mary Shelley falou comovedoramente em *Frankenstein* desses assuntos, criando ao mesmo tempo a obra que deu origem ao novo gênero da ficção científica.(...) Enquanto Mary Shelley encenou a ambivalência frente a ciência, Verne demonstrou que era possível abraçá-la por seu interesse intrínseco; enquanto a Mary Shelley angustiava o problema do marginalizado em um século colonial, Verne criou a Nemo, homem ao qual a ciência enriqueceu, para amparo do oprimido.” (Scholes & Rabkin, 1982: 216-220)

Outro tema também tipicamente romântico é a aproximação do gênio e do poeta à loucura. As invenções de ambos possuem algo daquele fogo de Prometeu roubado aos deuses, e um comportamento paranóico ou esquizofrênico funciona como um tipo de expiação pela audácia. O normal e o patológico dividindo em partes iguais a personali-

dade das personagens de exceção (que ganham realce ao contrastarem-se com a insipidez das personagens plenamente “normais”). E aqui aparece outra das ambigüidades de Verne, apontada por Simone Vierne: sua fascinação pela “loucura dos gênios – ou pelos loucos de gênio”, dotados de uma visão desequilibrada do mundo que convive lado a lado com a visão racionalista da ciência<sup>10</sup>. Nemo, Robur e outras personagens de Verne enquadram-se no modelo, mas a realização plena que dá conta dessa ambigüidade pertence a outro escritor: Robert Louis Stevenson e seu *O médico e o monstro*.

Estas contradições presentes nas *Viagens Extraordinárias* indicam que a obra verniana deve ser julgada pela medida de *seu* tempo. Júlio Verne filia-se àquela tradição iluminista que crê numa razão universal sobre a qual deve repousar o critério de julgamento de todos os homens, independentemente da latitude ou longitude onde vivam. No decorrer do processo de afirmação do campo das ciências humanas, e de rompimento dos laços destas com o colonialismo, a Antropologia colocou em xeque este discurso ao mostrar através de sua análise a relatividade dos valores culturais. No contexto de um mundo globalizado, a discussão universalismo *versus* relativismo, conjugada à questão do multiculturalismo, ocupa o centro de um debate ainda em curso, cujos paradoxos são bem resumidos por Claude Chrétien: “Resta o problema-chave, que é o do estatuto de uma razão que, com tantos ventos, corre o risco de fazer água e soçobrar. Só há ciência racional e razão universal. Como então conceber uma universalidade que impõe a racionalidade ocidental como modelo universal, e o relativismo, que está disposto a ver razão em tudo e em toda parte? Para passar entre Cila e Caribde, Ulisses manda que o amarem ao mastro do navio. Que princípio suficientemente sólido pode, hoje, impedir a razão de ficar à deriva? Pode-se encontrar ao mesmo

tempo um princípio de relatividade que dissolva os falsos absolutos e um invariante que preserve do ecletismo e do ceticismo?” (Chrétien, 1994: 173). Desnecessário dizer que estas questões são decorrência de processos que estavam transcorrendo no mesmo momento em que Verne escrevia suas obras, mas que em sua época não reuniriam condições para serem formuladas.

## V

Quem seriam, atualmente, os herdeiros de Júlio Verne? De uma maneira geral, é possível identificar três grandes linhas literárias que possuem alguma filiação com a narrativa verniana, embora no espaço deste texto iremos fazer apenas menção às duas primeiras e tecer pequenas considerações sobre a terceira.

Em primeiro lugar citaremos o romance de espionagem, diretamente aparentado pela presença ostensiva e marcante da tecnologia avançada, além das paisagens exóticas como pano de fundo. Num sentido mais estritamente ideológico, a narrativa de espionagem cumpriu para o imperialismo o mesmo papel que o romance de aventura cumpriu para o colonialismo: mostrar a superioridade do modo de vida ocidental sobre as demais culturas “bárbaras”, mesmo quando possuidoras de tecnologia equivalente. Um papel que foi cumprido com fervor, no tempo da Guerra Fria, pelos agentes das nações comunistas que, com a queda do Muro de Berlim, cederam o posto aos terroristas, fanáticos religiosos e narcotraficantes do Terceiro Mundo: árabes, latinos, sul-asiáticos, etc.

Em segundo lugar, temos a ficção científica, da qual Júlio Verne é considerado unanimemente o pai, juntamente com H. G. Wells. Um dos gêneros de maior presença na produção literária contemporânea, desenvolve-se numa pluralidade de linhas, apresentando desde obras

de consumo fácil para puro entretenimento (as *space-operas* do estilo "Guerra nas Estrelas") até romances de vanguarda, experimentais ou filosóficos, merecedores por vezes da consideração da crítica e do público não habituado ao gênero (é o caso de autores como Thomas Pynchon e Kurt Vonnegut Jr., por exemplo). Mas o gênero, a par de sua sofisticação e atualização em relação aos novos avanços tecnológicos e técnicas narrativas, continua oferecendo para seus leitores o velho dilema encenado nas obras de Verne e Wells: o perigo de uma Ciência sem ética e de suas aplicações.

Uma terceira linhagem é representada pela literatura de viagem contemporânea. Diferentemente dos gêneros anteriores, essa literatura não possui nem o compromisso explícito com a aventura no sentido forte do termo, nem o fascínio pela moderna tecnologia. Por vezes, em algumas de suas realizações, tende ao documental, ao jornalístico.

Este gênero trilha por caminhos variados. Um deles passa pela viagem mística, iniciatória, em busca do conhecimento antigo e tradicional, visto como fonte de referência e de pacificação dos impulsos dissonantes provocados pelo descentramento da vida contemporânea. Aparecem aqui os relatos sobre as caminhadas aos lugares sagrados ou de meditação, como São Tiago de Compostela, o Tibete, a Índia, o Egito, as ruínas pré-colombianas, etc. É o caso dos livros de Walter M. Pirsig, de Paulo Coelho num certo sentido, e de muitos outros. É possível identificar também ecos da influência do pensamento oriental sobre a literatura *on the road* dos *beatniks* dos anos 50/60. Outra vertente é o relato de aventuras, no limite do romance documentário, feito por exploradores, alpinistas, esportistas radicais. Neste sentido também fala sobre comunhão, integração, agora não com o Cosmo e mais com a Natureza, e por uma trilha menos mística. É o caso de livros como os de Amir Klink.

Um terceiro caminho é a viagem a um lugar que é ao mesmo tempo físico e simbólico, porque investido por um determinado imaginário humano, e desvelá-lo. Nesse caso pode aproximar-se bastante do ensaio que incorpora um "olhar" diferenciado (antropológico, semiológico, histórico) que busca desconstruir o já sabido, o evidente, e revelar o "Outro" que subjaz adormecido sob o cotidiano. A incorporação do "olhar antropológico" é consequência das mudanças sofridas pelo mundo atual: "Não é a antropologia que, cansada de campos exóticos, volta-se para horizontes mais familiares, sob pena de neles perder sua continuidade, como teme Louis Dumont, mas o próprio mundo contemporâneo que, por causa de suas transformações aceleradas, *chama o olhar antropológico, isto é, um reflexão renovada e metódica sobre a categoria de alteridade.*" (Augé, 1994: 27, grifos nossos). Poderiam ser citados como exemplos do tipo mais ensaístico *América*, de Baudrillard, e *Hellô Brasil!*, de Contardo Calligaris.

Bruce Chatwin é, provavelmente, o autor que melhor representa esta tendência, em termos literários. Em seu livro *Na Patagônia*, ele faz uma "arqueologia" das viagens realizadas pela região, elencando visitantes ilustres e outros nem tanto: Charles Darwin, em sua viagem pelo *Beagle*; anarquistas italianos; bandoleiros norte-americanos como Butch Cassidy, Sundance Kid e Etta Place; navegadores espanhóis que acompanhavam Fernão de Magalhães em sua volta ao mundo; esquivos e racistas bôeres sul-africanos; descendentes de imigrantes diversos que se aclimataram até tornaram-se verdadeiros gaúchos; finalmente, o próprio tio-avô do narrador. A narrativa desenvolve-se através de seqüências curtas, lembrando um diário de viagem que mistura diálogos, descrições, memórias, esclarecimentos históricos, anedotas. Configura-se a partir destas situações uma Patagônia plural, terra de todos e de ninguém.

Qual o significado deste tipo de literatura num mundo globalizado, onde os espaços se encolheram, onde a comunicação via satélite ocorre instantaneamente, onde informações e imagens estão disponíveis em redes computadorizadas, CDs, canais a cabo — uma realidade onde é possível, como disse Júlio Cortázar, realizar a volta ao dia em oitenta mundos, sem sair da poltrona da sala-de-estar? Podemos arriscar a hipótese de que, mesmo em suas formas mais comerciais, esta literatura representa uma manifestação de resistência à racionalização e burocratização do mundo contemporâneo, à perda de sentido na vida cotidiana e nas relações humanas<sup>11</sup>. Narrativa em primeira pessoa, retoma em grande parte o caráter de romance de formação: à viagem externa corresponde uma viagem interna, da qual o protagonista sai mais enriquecido espiritualmente e com um maior conhecimento do mundo. O deslocamento, a viagem, tem sua razão “antropológica” de ser, porque a descoberta de Si se dá através da descoberta do Outro.

## NOTAS

<sup>1</sup> Os abalos posteriores produzidos pela Física, ocorridos durante a passagem do século (teoria quântica de Max Planck, 1900; teoria especial da relatividade de Einstein, 1905) seriam notados após a 1ª Guerra Mundial, mas apenas pelos especialistas, porque o público leigo continuaria com a imagem “positiva” do universo newtoniano: racional, causal e determinista. (Hobsbawm, 1982:266-278).

<sup>2</sup> “O tema da colonização é menos aparente, ou menos freqüentemente valorizado: como se se tivesse querido dissimulá-lo; e no entanto, o cientista anexa, desloca o conhecido na direção do desconhecido, projeta o seu poder sobre o modo de apropriação: este aspecto torna-se essencial em *A Ilha Misteriosa* e em *Os Filhos do Capitão Grant*, onde se descrevem explicitamente em-

preendimentos de apropriação.”(Macheray, 1989:168).

<sup>3</sup> Sobre o tema, vide Berman, Marshall (1987): *Tudo que é sólido desmancha no ar*, especialmente capítulos II e III. Ver também Compère, Daniel (1978): “Jules Verne et la Modernité”.

<sup>4</sup> Vide Hobsbawm (1982): *A era do capital*, especialmente p. 53/60

<sup>5</sup> Vide Ortiz, Renato (1991): *Cultura e modernidade*, p. 189/262, “Tempo e Espaço”.

<sup>6</sup> Em 1848 não existia, fora da Inglaterra e Estados Unidos algo parecido com uma rede ferroviária. Em 1840, as vias férreas da Europa e América do Norte, somadas, alcançavam a extensão de 4,5 mil milhas, o que equivalia ao total mundial. Em 1870 este total elevava-se a 128,2 mil milhas e, em 1880, a 228,4 mil milhas. Embora a maior parte das ferrovias permanecesse restrita à Europa e América do Norte, já existiam traçados significativos em todos os continentes. (Hobsbawm, 1882: 71-79)

<sup>\*</sup> O autor esqueceu de explicitar esta referência na Bibliografia, no final. (Nota do Editor).

<sup>7</sup> Sobre o tema, ver: Pillorget, René (1978): “Optimisme ou pessimisme de Jules Verne”, p. 22/24 e Paes, José Paulo (1987): “As dimensões da aventura”.

<sup>8</sup> Sobre o tema, vide Coutrix-Gouaux & Souffrin (1978): “Mythologie Vernienne”.

<sup>9</sup> Foi justamente essa *estrutura da consolação*, vista como dispositivo de dissimulação ideológica, que tornou-se o foco de toda uma série de críticas e condenações dirigidas ao folhetim - Marx e Engels iniciaram essa longa linhagem em *A sagrada família*. Por outro lado, era também a expressão de um sentimento popular disseminado, que encontrou no folhetim uma fórmula de grande sucesso: “Problema a resolver para a construção de uma obra narrativa de amplo consumo, destinada a despertar o interesse das massas e a curiosidade das classes abastadas: dê-se uma realidade cotidiana existente e todavia insuficientemente considerada, na qual resolver elementos de tensão não resolvida (Paris e suas misérias); dê-se um elemento resolutor, em contraste com essa realidade

básica, que apresente uma solução imediata e consolatória das contradições iniciais.” (Eco, 1991: 62).

<sup>10</sup> Sobre o tema, vide Vierende, Simone (1978): “Paroles gelées, paroles de feu”.

<sup>11</sup> “Está em curso o desencantamento do mundo. O que era um processo circunscrito a alguns países da Europa, e transplantado para os Estados Unidos, logo se revela mais ou menos generalizado e, às vezes, avassalador, em escala mundial.(...) A metáfora da gaiola de ferro torna-se realidade cotidiana, prosaica e generalizada, à medida que se desenvolvem as tecnologias da produção e reprodução material e espiritual, envolvendo progressivamente todos os círculos da vida social e funcionando, cada vez mais, também como técnicas de controle social.” (Ianni, 1995: 131-132).

## BIBLIOGRAFIA

- Allen, L. David (s/d): *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus.
- Assis, Jesus de Paula (1996): “Visões do futuro: imagens da ciência e do cientista”, *Lua Nova* nº 37, São Paulo: Cedec.
- Augé, Marc (1994): *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas (SP): Papyrus.
- Berman, Marshall (1987): *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chatwin, Bruce (1988): *Na Patagônia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chrétien, Claude (1994): *A Ciência em ação: mitos e limites*. Campinas: Papyrus.
- Compère, Daniel (1978): “Jules Verne et la Modernité”, *Europe - Revue Littéraire*, Paris, n.º 595/596, nov/dez, p. 27-36.
- Coutrix-Gouaux, Mireille, et Souffrin, Pierre (1978): “Mythologie Vernienne”, *Europe* n.º 595/596, p. 10-18.
- Eco, Umberto (1989): “Os mundos da ficção científica”. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- \_\_\_\_\_. (1991): *O super-homem de massa*. São Paulo: Perspectiva.
- Harvey, David (1992): *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Hobsbawm, Eric (1982): *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1989): *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ianni, Octávio (1995): *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Macheray, Pierre (1989): *Para uma teoria da produção literária*. São Paulo: Estampa/Mandacaru.
- Mustière, Philippe (1978): “Jules Verne et le roman-catastrophe”, *Europe* n.º 595/596, p. 43-47.
- Ortiz, Renato (1991): *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1994): *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Paes, José Paulo (1987): “As dimensões da aventura”. In: Zilberman, Regina (org.) *Os preferidos do público*. Petrópolis: Vozes.
- Pillorget, René (1978): “Optimisme ou pessimisme de Jules Verne”, *Europe* n.º 595/596, p. 19-27.
- Scholes, Robert, & Rabkin, Eric S. (1982): *La ciencia ficción (historia - ciencia - perspectiva)*. Madrid: Taurus.
- Sodré, Muniz (1978): *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Soriano, Marc (1978): “Vernir/Devenir?”, *Europe* n.º 595/596, p. 3-9.
- Verne, Júlio (1965a): *A ilha misteriosa*. Rio de Janeiro: Ed. Matos Peixoto.
- \_\_\_\_\_. (1965b): *Vinte mil léguas submarinas*. Rio de Janeiro: Ed. Matos Peixoto.
- \_\_\_\_\_. (1965c): *Robur, o conquistador*. Rio de Janeiro: Ed. Matos Peixoto.
- \_\_\_\_\_. (1979): *O castelo dos Cárpatos*. São Paulo: Ed. Clube do Livro.
- \_\_\_\_\_. (s/d): *A volta ao mundo em 80 dias*. Lisboa: Unibolso.
- Vierende, Simone (1978): “Paroles gelées, paroles de feu”, *Europe* n.º 595/596, p. 57-66.